

A PRESENÇA DO BRASIL NA ARMÊNIA

Lusinê Yeghiazaryan^{1}*

Resumo: Neste artigo apresentam-se as peculiaridades históricas e geopolíticas da presença da cultura brasileira na Armênia, do período em que a última fazia parte da União Soviética até a proclamação da República da Armênia independente no ano de 1991, que marcou a expansão da presença brasileira na realidade armênia.

Palavras-chave: Brasil, Armênia, laços culturais.

Abstract: This article is an overview of geo-political and historical peculiarities of the presence of Brazilian culture in Armenia, starting from a period in which the latter constituted part of the former Soviet Union, and passing on to the growing expansion of Brazil's culture since the creation of the independent Armenian Republic in 1991.

Keywords: Brazil, Armenia, mutual relations, cultural ties.

Como premissa dos fatos históricos e geopolíticos, pode-se afirmar que as relações entre o Brasil e a Armênia tiveram início num período relativamente recente.

A Armênia, um dos países mais antigos da Eurásia, durante os mais de três mil anos de sua história teve um papel inquestionável no cenário do Mundo Velho, se relacionando comercial e culturalmente com várias potências da Antiguidade como a Grécia, Bizâncio, Roma e Pérsia, e posteriormente com a Índia, China e Rússia. Entretanto, já nos primórdios do século XIV, ou seja, somente algumas décadas antes das caravelas portuguesas fincarem suas âncoras nas praias brasileiras, a Armênia perderia sua independência, ficando desmembrada entre as grandes potências da região.

Passados seis anos da proclamação da independência do Brasil, em 1822, a região oriental da Armênia seria transferida da dominação persa para a russa, com a assinatura do decreto de 1828 em Turcmentchá.

Depois da revolução de outubro de 1917, entre os anos de 1918 e 1920, os armênios conseguiram criar sua primeira república independente, mas, devido às circunstâncias políticas vigentes na região e sob a pressão bolchevista russa, os dirigentes do país foram obrigados a ceder o poder aos comunistas. A partir de então, a Armênia tornou-se uma das 15 repúblicas da União Soviética, gozando de um status semi-independente.

* Professora de armênio da FFLCH/USP, doutoranda em Lingüística na mesma instituição.

Segundo o regime vigente, as repúblicas soviéticas podiam constituir seus governos e parlamentos próprios, ter sua língua e hino nacionais. Quanto aos orçamentos e recursos financeiros, bem como assuntos relacionados à política, exército e comércio exterior, de acordo com a constituição soviética, as repúblicas deveriam se submeter, “de espontânea vontade”, às determinações do governo central. Rezava a Constituição da URSS que nenhuma república federativa poderia manter, paralelamente, laços diretos com qualquer país, governo ou organização pública do exterior e induzir sua própria política externa. Tal atribuição era tarefa exclusiva do Kremlin, que muitas vezes levava mais em conta não os interesses das repúblicas, mas os interesses gerais da União.

Obviamente, essa estrutura oficial não favorecia a Armênia, que enfrentava enormes problemas externos naqueles tempos. Em 1915, o Estado turco perpetrou o massacre contra o povo armênio na Armênia Ocidental (maior porção territorial da Armênia histórica). Este crime é considerado como o primeiro genocídio do século XX, tendo ceifado a vida de 1,5 milhão de pessoas. A população remanescente e os sobreviventes do genocídio fugiram do país, em busca de abrigo em diversos países, entre os quais o Brasil.

Como república integrante da União Soviética, o governo da Armênia não podia exigir a condenação daquele crime hediondo, não podia recorrer a medidas jurídicas para a reparação dos danos morais e materiais ou reivindicar a devolução dos territórios armênios usurpados pela Turquia, visto que tais exigências não correspondiam aos interesses “gerais” da União, ou seja, aos interesses da Rússia, que não desejava entrar em conflito com a Turquia, sua aliada no passado, possivelmente com a esperança de poder englobá-la ao sistema soviético e conseguir conquistar os tão estratégicos estreitos de Bósforo e Dardanelas.

Outro aspecto moralmente condenável seria o desejo do governo central de tentar dissipar da memória coletiva dos habitantes da República Socialista Soviética da Armênia os acontecimentos da grande tragédia do povo armênio. Por décadas, foi proibido falar ou se manifestar publicamente sobre o Genocídio Armênio, reverenciar ou homenagear as vítimas da terrível tragédia, publicar qualquer livro, artigos ou pesquisas que tratassem deste tema.

Aos cidadãos da R.S.S. da Armênia impedia-se qualquer contato com o exterior, sendo eles privados até mesmo de remeter cartas aos seus parentes ou outros armênios da Diáspora. Até os meados dos anos 1960, apenas a uma minúscula parcela de armênios que representavam as assim chamadas organizações “progressistas” (ou simpatizantes pró-comunistas) da Diáspora permitia-se visitar a Armênia, entre os quais também existiam alguns armênios “progressistas” do Brasil.

Evidentemente, todas essas barreiras também atingiam os armênios que, desde os anos 1920, constituíam a coletividade armênia do Brasil, e dificultavam

os laços com a pátria Armênia. Ou seja, os impedimentos impostos pelo governo central da União Soviética não ofereciam ao governo da Armênia nenhuma condição quanto ao estabelecimento de qualquer laço diplomático formal com o Brasil, desenvolvimento de relações diretas entre os dois povos e, conseqüentemente, com a comunidade armênia local.

É curioso observar que, já em 1919, o governo da primeira república independente da Armênia havia designado como seu cônsul honorário no Brasil o intelectual brasileiro Ethien Brasil, destacada figura pública que era bem conhecida também pela coletividade armênia, e que publicara no Rio de Janeiro um livreto sobre a história e cultura da Armênia. Apesar de Ethien Brasil ter desenvolvido uma extensa atividade na função que lhe foi confiada por tão pouco tempo, ele não pôde adquirir suas credenciais diplomáticas porque, como já dissemos, em 1920 o governo da primeira república, por força das circunstâncias, cederia o poder aos bolchevistas.

Este breve relato histórico visa elucidar a fase inicial e a tentativa de estabelecer laços entre os dois países, e ilustrar, simultaneamente, a natureza das relações Brasil-Armênia e as peculiaridades no estabelecimento de relacionamento político-ideológico entre ambas as comunidades.

Neste contexto, é curioso registrar que os brasileiros conhecem os armênios há mais de 70 anos, tendo adquirido certa noção sobre a história, os valores culturais e espirituais deste povo, principalmente a partir da chegada ao Brasil dos armênios sobreviventes do grande Genocídio.

Já o contrário, a presença do Brasil na Armênia, no que diz respeito a relações entre Estados, se concretizaria mais especificamente a partir de 1991, com o desmembramento da União Soviética e a total independência da Armênia. Acresce-se a isso o fato de ter sido o Brasil um dos primeiros países a reconhecer e estabelecer relações diplomáticas com a República da Armênia, a partir do mês de dezembro de 1991.

Finda a Segunda Guerra Mundial, em que a União Soviética tivera uma participação decisiva para o aniquilamento do nazismo alemão, transformando-se num eixo palpável no inter-relacionamento das potências mundiais, surgiria um novo comportamento internacional. Assim, ainda em meados dos anos 1960, não obstante a “guerra fria” que vigorava entre os pólos capitalista e socialista, o gradual “degelo” político tanto na Europa como em outras partes do mundo contribuiria à moldura de um ambiente mais vantajoso e condizente nas relações internacionais.

Em 1965, o governo da Armênia tomou um passo inédito: foi estabelecido em Yerevan, capital armênia, o Comitê de Relações Culturais com os Armênios da Diáspora, uma sólida instituição estatal que atuava no nível ministerial, visando o estreitamento das relações com os armênios da Diáspora e suas organizações culturais, científicas, educacionais, beneficentes e outras. Iniciou-se a remessa de dezenas de

jornais, centenas de revistas e livros para os organismos e indivíduos da Diáspora, livros didáticos (principalmente do ensino da língua e literatura armênia) foram impressos para suprir as necessidades dos alunos e das escolas armênias, entre os quais os do Brasil.

Com o estabelecimento do Comitê de Relações Culturais com os Armênios da Diáspora, um grande número de renomados intelectuais, delegações de jovens e grupos artísticos de diversas organizações e instituições da Diáspora, incluindo o Brasil, começaram a organizar visitas para a Armênia. Do outro lado, também começaram a chegar às coletividades armênias da Diáspora delegações e destacadas personalidades da Armênia.

O “embargo” oficial ao tema do Genocídio foi extinto na Armênia, e dezenas de estudos, pesquisas, livros e artigos científicos começaram a ser publicados, relatando o período trágico do povo armênio e os movimentos de resistência heróica. Em 1983, foi inaugurado solenemente em Yerevan o complexo do memorial dedicado aos mártires do Genocídio Armênio.

Mesmo não negando o autoritarismo vigente na União Soviética, devemos afirmar seu grande papel e contribuição para o desenvolvimento econômico, social e principalmente cultural de uma série de nações, principalmente algumas pequenas.

Basta lembrar que uma parte significativa delas era relegada à categoria de “fundo de quintal” durante o período do império dos tsares, pois no percurso de suas histórias tais nações ou grupos étnicos não puderam estabelecer uma concreta estrutura governamental e, isoladas umas das outras, não conseguiam alcançar experiência de autonomia governamental, às vezes sequer possuíam alfabeto próprio ou uma literatura nacional, para não falarmos das artes em geral, cinema, teatro, ópera ou balé. Tudo isso elas alcançaram, paralelamente à educação e ao fornecimento de serviços básicos sociais como serviço de saúde gratuito, fornecimento (sem qualquer ônus) de moradias e vários outros benefícios.

Em fins dos anos 1930, a sociedade soviética não mais contabilizava analfabetos. O amplo conhecimento do idioma russo por parte dos cidadãos soviéticos, além da adoção de programas educacionais unificados e do doutrinamento nos princípios e valores socialistas, criaria a base de um vasto campo cultural e ideológico, homogeneizando os povos da União e moldando o sistema da civilização soviética, com todos os seus aspectos positivos e negativos.

Toda informação científica, cultural, literária, tecnológica ou algum fenômeno relevante que entrava na URSS oriundo dos mais variados países tornava-se propriedade dos povos da federação. Nada impedia que tais informações fossem traduzidas para qualquer idioma nacional, como, por exemplo, para as línguas tadjique, moldova, ucraniano ou armênio, se a referida república considerasse ser isso importante ou do seu interesse.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a cultura brasileira se revelou pela primeira vez para o povo soviético e, conseqüentemente, para os armênios através das obras do renomado escritor Jorge Amado. Suas obras seriam qualificadas como um grande fenômeno literário.

Como bem lembra em suas memórias a Sra. Zélia Gattai, esposa do grande escritor, que em dezembro de 1948 viajou para Moscou, a convite da União dos Escritores da URSS, por ocasião da outorga do prêmio internacional pela paz mundial a Jorge Amado, "...pouquíssimos brasileiros haviam visitado aquele país socialista, e creio que nós éramos os primeiros a estar lá, depois do rompimento das relações com o Brasil, em 1947..." **

Muito já foi comentado sobre a admiração e o respeito que Jorge Amado nutria pela União Soviética. Mas poucos sabem que essa admiração era recíproca. O autor brasileiro está entre os escritores estrangeiros mais lidos e traduzidos na ex-URSS: mais de 1,5 milhão de exemplares foram esgotados, entre os quais traduções no idioma armênio.

São Jorge dos Ilhéus foi a primeira obra de Jorge Amado a ser traduzida para o russo e lançada em 1948, quatro anos depois de ser lançada no Brasil. Em 1967, foi publicado o seu romance *Seara Vermelha*, com 399 páginas, em idioma armênio, traduzido do russo pelo destacado tradutor Tsolak Poghossian.

Em 1981 foi publicado em Yerevan o romance do escritor brasileiro Graciliano Ramos. O livro *São Bernardo* (216 páginas, tradutora Anahit Hovsepián) foi impresso na gráfica estatal da república.

O mundo soviético e também a Armênia começaram a ter maiores contatos com o Brasil, um grande país em desenvolvimento e uma rica e autêntica cultura nacional, a partir do início dos anos 1960, durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek, quando se realizava o grande projeto da transferência da capital federal da cidade do Rio de Janeiro para Brasília. Em particular, teve uma grande repercussão o nome de Oscar Niemeyer, uma das figuras mais influentes na arquitetura moderna internacional, autor do projeto da construção de Brasília. Pioneiro na exploração das possibilidades construtivas e plásticas do concreto armado, Niemeyer obtivera enorme popularidade na URSS, onde estava em voga a construção de obras urbanas e moradias não onerosas.

Por toda a extensão da União Soviética, assim como na capital da Armênia, em mais de duas décadas foram construídos centenas e milhares de prédios de moradia pública e outras construções inspiradas nos princípios arquitetônicos de Oscar Niemeyer. Para os empreiteiros soviéticos soava muito familiar o ponto de vista do arquiteto brasileiro que, com suas convicções ideológicas comunistas, dizia que em Brasília todos os apartamentos deveriam ser de propriedade do governo, que os cederia para os funcionários públicos. Ademais, segundo Niemeyer, não deveriam existir

regiões distintas ou mais nobres, pois tanto ministros como operários e funcionários públicos deveriam dividir o mesmo local, o mesmo prédio.

Passadas décadas depois do período descrito, em 2003, Oscar Niemeyer iria projetar uma maquete no seu estilo próprio, para a construção de um prédio em Yerevan, como a sede da futura Embaixada do Brasil na Armênia, e para cuja finalidade o governo da Armênia já havia dedicado um terreno condizente numa das regiões mais nobres da capital.

Não há dúvidas de que, no âmbito da divulgação do Brasil na Armênia, deixaram suas marcas importantes as conquistas do Brasil na esfera esportiva, principalmente no futebol, entre as décadas de 1950-60 e nos anos que se seguiram, por ser o Brasil o país mais destacado nesta modalidade esportiva. O jogador Edson Arantes do Nascimento, o mundialmente famoso Rei Pelé, tornar-se-ia, também na Armênia, o ídolo que simboliza o Brasil. Vale afirmar que o respeito dos torcedores armênios pelo futebol do Brasil também teria sua manifestação nos anos posteriores. Depois da proclamação da independência, em 1991, foi assinado entre a Federação Armênia de Futebol e alguns clubes brasileiros um documento de cooperação, do qual falaremos com maiores detalhes logo adiante.

É natural que as relações destes dois países separados por uma grande distância geográfica e pertencentes a dois pólos ideológicos opostos não sejam muito homogêneas. Como já tentamos mostrar em outros exemplos acima, as relações bilaterais eram realizadas, pelo lado soviético, segundo o princípio seletivo, isto é, a partir dos dogmas político-ideológicos.

Não obstante a ideologia política, a empolgação desses relacionamentos registrava progresso paulatino. Os laços econômicos e comerciais, bem como o intercâmbio nas esferas cultural, científica e esportiva começaram a se ampliar. Os representantes brasileiros nessas áreas, como os artistas, músicos e outros, não só visitavam a Rússia como também as demais repúblicas da URSS, entre as quais a Armênia.

Como exemplo desse intercâmbio, citemos a turnê da cantora Vaja Orica pela Armênia no outono de 1978, com diversas apresentações nos melhores salões de concertos da república, divulgando a música popular brasileira e merecendo a calorosa recepção do público armênio.

Deve-se registrar, também, a apresentação da *Bachiana No. 5* do grande compositor brasileiro Villa Lobos no grande salão da filarmônica estatal da Armênia em 1979, com o conjunto dos violoncelistas, interpretada pela mundialmente famosa cantora lírica armênia Gohar Gasparian. Este foi um evento extraordinário, lembrado até hoje pelos amantes da música lírica.

E, finalmente, é difícil não ceder à sedução e não falar a respeito de um fenômeno interessante, que veio fortalecer a imagem do Brasil na realidade soviética, atingindo os rincões mais distantes do país.

Referimo-nos ao romance *Bezerro de Ouro*, dos notáveis escritores soviéticos Ilia Ilf e Eugueni Petrov, que destacavam, com grande humor, a assim chamada “nova política econômica” na vida da sociedade soviética, com seus aspectos perversos.

O protagonista deste romance satírico de enorme sucesso (publicado em 1931) é Ostap Bender, um malandro esperto, que junto com os seus colegas começa a investigar um clandestino milionário soviético, com o objetivo de conseguir um milhão de rublos¹, para depois fugir e se estabelecer no Rio de Janeiro, cidade de seus sonhos.

Bender manifestava sua admiração pelo Rio, repetindo sempre: “Imaginem uma cidade com um milhão de habitantes, todos vestidos de branco”. Ele se preparava para chegar ao Rio de Janeiro em grande estilo, vestido de branco e com um milhão de rublos no bolso. Quando desapontado por qualquer motivo, Bender repetia: “Não, aqui definitivamente não é o Rio de Janeiro.

E eis que, depois de 80 anos, a referida expressão, bem como a frase “viajar para o Rio de Janeiro, vestido de branco”, virou bordão (provavelmente dos mais usados) nos lábios de milhões de pessoas. É curioso que mesmo nos dias de hoje os turistas armênios, ao chegarem ao Rio, fazem questão de se vestir de branco, como uma forma alegre de homenagear a figura de Ostap Bender.

Ao sintetizar o acima exposto, podemos afirmar que no início dos anos 1990 o Brasil já era bem conhecido e se tornara um país popular em toda a extensão da União Soviética, incluindo a Armênia, onde marcara sua presença, tendo sido percebido como um país autêntico e dinâmico.

A partir de 1991, quando em consequência do desmantelamento da URSS a Armênia proclamaria a sua independência, os laços Brasil-Armênia assumiram um novo comportamento e adentraram numa nova fase, passando da intermediação para o plano de relações diretas e imediatas.

Além de acordos econômicos e comerciais, foram assinados ainda vários outros protocolos e documentos de cooperação mútua nas áreas cultural, científica, de saúde, da alta tecnologia, esportes e outras, criando para tais relacionamentos os mecanismos e as bases jurídicas legais.

Esses laços se fortaleceram ainda mais depois de 1993, quando o Brasil credenciou o seu Embaixador em Yerevan, com sede em Moscou. Já a Armênia inauguraria seu Consulado Geral em São Paulo em 1998. Em 2006 foi inaugurada a Embaixada do Brasil em Yerevan, e em 2007 foi divulgado o decreto do Presidente da Armênia, que trata da abertura da representação diplomática da Armênia em Brasília, DF.

1. Moeda da ex-URSS e atualmente da Rússia.

Em 2001, uma das regiões centrais da capital armênia foi nomeada “Praça Brasil”. A referida praça é localizada numa área extensa anexa ao estádio central “Hrazdan” (com capacidade para 73 mil pessoas). A inauguração aconteceu em fins de setembro do mesmo ano, quando o país hospedava centenas de milhares de turistas de todas as partes do mundo, que participavam dos festejos comemorativos do jubileu dos 1700 anos de adoção do Cristianismo como religião oficial de Estado.

À cerimônia de inauguração da praça esteve presente, além das autoridades locais, uma delegação constituída de aproximadamente cinquenta membros da coletividade armênia do Brasil. O Arcebispo Datev Karibian, Primaz da Diocese da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, presidiu a cerimônia de colocação da pedra fundamental do monumento que seria erguido no local, simbolizando a amizade entre os dois povos.

Lembremos que em 1999 as cidades de Yerevan e São Paulo foram declaradas “cidades irmãs”. Em 2007 também foram estabelecidos laços semelhantes entre as cidades de Osasco, em São Paulo (onde se encontra uma coletividade armênia bem estruturada, constituída por 3 e 4 mil pessoas), e a segunda cidade da Armênia, Gyumri. Como gesto de amizade, a Prefeitura de Gyumri enviou para Osasco um monumento que recebeu o nome de Khatch-Kar (Cruz de Pedra). Também foram estabelecidos, em 2006, laços de cooperação entre Yerevan e a cidade do Rio de Janeiro.

Falando de música, devemos mencionar o conhecido conjunto lírico Trio Images, que viajou à Armênia em 1999, onde realizou diversas apresentações na capital e várias outras cidades. O Trio, composto pelos destacados músicos Henrique Miller, Cecília Guida e Aquille Picci, é um dos poucos no Brasil que executa as obras dos compositores clássicos armênios. O repertório do Trio Images inclui composições dos renomados compositores Aram Khatchaturian, Arno Babadjanian, Alexandre Harutiunian e outros, e as versões próprias do Trio para obras de alguns desses famosos compositores. Por sua ativa divulgação da música clássica armênia, o Trio foi homenageado com o Diploma de Honra do Ministro da Cultura da Armênia, por ocasião da visita oficial ao Brasil do Presidente da Armênia em 2002.

Deve-se notar que o público armênio já conhecia as obras dos compositores clássicos brasileiros, como Villa Lobos e Guarnieri. Villa Lobos soou novamente em Yerevan na interpretação da orquestra sinfônica e coral estatal da Armênia, durante o grande concerto de encerramento dos eventos dedicados aos 1700 anos da adoção do Cristianismo como religião oficial na Armênia. A obra *Ave Maria*, de Villa Lobos, foi executada junto com as obras homônimas de autoria de doze grandes compositores de todos os tempos. Depois deste extraordinário projeto musical, a referida obra do compositor clássico brasileiro foi incluída em outros programas de concertos musicais.

O principal regente da orquestra sinfônica estatal da Armênia, Eduard Todjian, tem em mãos a sinfonia denominada *Armênia*, do compositor brasileiro de origem armênia Ricardo Takuchian, que reside no Rio de Janeiro e é também o Presidente da Academia Brasileira de Música. Essa composição também será apresentada ao público armênio em breve.

É curioso citar a popularidade da música brasileira na Armênia. É comum encontrar no país fãs de Roberto Carlos, Gilberto Gil, Caetano Veloso ou outros cantores. Hoje, as lojas de discos estão repletas de gravações desses cantores, assim como de lançamentos em CD ou DVD de outros cantores.

Como uma realidade do mundo globalizado, gostaria de descrever o seguinte fato: em 2000, encontrava-se em Yerevan, como representante da coletividade armênia do Brasil, o membro da Diretoria da União Geral Armênia de Beneficência – UGAB, Sr. André Apovian, com sua família. Eis o depoimento que ele deu após seu regresso ao Brasil:

“Sou um descendente de armênios que nasceu e cresceu no Brasil. Estava naquele momento na praça central de Yerevan, diante do luxuoso hotel Armênia. À minha frente elevava-se o bíblico monte Ararat com todo o seu esplendor majestoso. Enquanto admirava aquela paisagem gloriosa, de repente ouvi o entoar de uma melodia por trás de mim, e que, sem dúvida, era muito familiar. Comecei a prestar mais atenção e... não restava dúvida, tratava-se de música brasileira...”.

Tanto na Europa Oriental como nos demais países da ex-União Soviética, inclusive na Armênia, são muito difundidas as novelas ou seriados brasileiros, cuja exibição teve início já nos primeiros anos depois da independência. É possível que as novelas tenham alcançado mais popularidade na Armênia devido ao fato de existirem nos papéis principais atores brasileiros de ascendência armênia, como Araci Balabanian, Stepan Nercessian e Denis Derkian.

É notório o papel das diferentes comunidades dos grupos étnico-nacionais no estabelecimento dos laços entre o país que as acolhe e o país de seus ancestrais. No caso específico do Brasil, esta é uma característica comum das comunidades libanesa, síria, coreana, alemã, armênia e outras. Sendo brasileiros e, conseqüentemente, adeptos da cultura, valores e estilo de vida deste país, ao visitarem o país de seus antepassados, os descendentes de imigrantes contribuem para a divulgação do Brasil no exterior, a expansão da cultura e arte brasileiras, assim como para a intensificação das relações bilaterais.

A presença e a participação dos armênios do Brasil são palpáveis na cooperação bilateral nas esferas comercial, econômica e até política, onde se nota a sua contribuição para o incremento do intercâmbio social e cultural entre o Brasil e a Armênia.

Podemos citar como exemplo o talentoso fotógrafo e arquiteto armeno-brasileiro Norayr Chahinian, que visitou Yerevan pela primeira vez em 2004, levando consigo uma coletânea de fotografias de autoria própria sobre o Brasil. Suas fotografias ficaram expostas por mais de um mês no salão de exposições da principal agência de notícias da Armênia, “Armenpress”, alcançando grande êxito de público e da mídia.

Em 2006 realizou-se em Yerevan a abertura de uma exposição fotográfica dedicada aos 450 anos de fundação da cidade de São Paulo, de autoria do conhecido fotógrafo armeno-brasileiro Manuk Poladian, num dos salões de exposições no centro da cidade.

Já no campo cinematográfico, podemos dizer que os primeiros contatos entre diretores brasileiros e armênios aconteceram em 2001, quando na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo foi apresentado o filme *Erostratus*, do cineasta Ruben Kotchar, e, posteriormente, o filme *Sinfonia do Silêncio*, de Vigen Tchaldanian. Por iniciativa do crítico de cinema de origem armênia Leon Cackoff, foram apresentados na Mostra de 2007 quatro documentários sobre o tema do Genocídio Armênio, e logo depois organizados debates e mesas-redondas, com a presença dos realizadores dos filmes.

Para participar do Festival Internacional de Cinema “Golden Apricot” (Damasco de Ouro) de Yerevan, em 2006, os cineastas brasileiros enviaram dois filmes, a saber: *Desmundo*, do diretor Alain Fresnot, que obtivera grande sucesso no Brasil e no exterior, e *Cabra Cega*, de Toni Venturi, que conquistara seis prêmios no Brasil.

Atualmente, com a intermediação de Leon Cackoff, o cineasta Ruben Kotchar e os produtores brasileiros estão planejando realizar uma co-produção armeno-brasileira, com a participação de atores e produtores de ambos os países e o financiamento de cineastas norte-americanos e russos.

Infelizmente, poucas obras de escritores brasileiros são traduzidas para o armênio. Além das já mencionadas obras do Jorge Amado, recentemente foram traduzidas as obras do Paulo Coelho, que visitou a Armênia em 2004, participando do lançamento de *O Alquimista*, traduzido para as vertentes ocidental e oriental do armênio².

Anualmente, a televisão armênia transmite informações sobre o Carnaval do Brasil, que atrai grande curiosidade do público telespectador. Em 2007, aconteceu um fato inédito: a destacada escola de samba Vai-Vai de São Paulo apresentou, durante o seu desfile, uma ala representando a Armênia, simbolizando o berço do renascimento da humanidade.

2. Devido às circunstâncias históricas, a Armênia foi dividida em dois segmentos: oriental, que perfaz a atual Armênia, e ocidental. Como consequência dessa separação, a língua também se desenvolveu em duas vertentes, com certas variantes gramático-fonéticas.

O respectivo carro alegórico com o tema armênio foi exibido na Armênia, com as devidas explanações do autor da idéia, o Cônsul-Geral da Armênia em São Paulo, Achot Yeghiazarian.

No âmbito esportivo, o Brasil se apresenta na Armênia através do futebol e da capoeira, que tem atingido grande êxito no país. Em julho de 2005, foi fundada a Federação Nacional de Capoeira, por iniciativa e liderança do múlti-campeão armênio na modalidade esportiva taikwando, Karen Vardanyan. Em 2007, ele participou das atividades da federação internacional de capoeira no Brasil, onde foi decidida a sua criação de vários centros regionais em nível internacional, com a incumbência de divulgar e expandir esta modalidade esportiva. Foram criados centros regionais na Europa Ocidental (Espanha), América do Norte (Estados Unidos), na Europa Oriental e na Ásia, o último deles na Armênia, razão pela qual está crescendo a prática da capoeira no país. É na Armênia que os representantes da Romênia, Rússia, países árabes, China, Japão e Cingapura receberão seus preparativos e adquirirão experiência e obterão a qualificação de juizes.

Já citamos a cooperação armeno-brasileira na modalidade esportiva do futebol. Esta cooperação foi estabelecida em 2002, através da assinatura de um documento entre o São Paulo Futebol Clube (SPFC) e a Federação Armênia de Futebol (FAF). A cooperação permitiu que jogadores e preparadores físicos da Armênia tivessem a oportunidade de reciclar seus conhecimentos no Centro de Treinamento do clube paulista, enquanto jovens esportistas do SPFC faziam o mesmo na Armênia. Além disso, mais de dez jogadores brasileiros atuam hoje nos times armênios “Mika” e “Ararat”, da primeira divisão.

A abertura da Embaixada brasileira em Yerevan trouxe um novo ímpeto para o desenvolvimento das relações armeno-brasileiras em diversas áreas, com ampla divulgação do Brasil na Armênia. Neste aspecto, a representação diplomática encabeçada pela Embaixadora Sra. Renate Stille tem levado a cabo muitos esforços relevantes. Graças a um trabalho dinâmico, foi dado um passo importante no que concerne à divulgação do idioma português na Armênia. Desde 2006 funciona um curso de português na Faculdade de Línguas Romano-Germânicas da Universidade Estatal de Yerevan, com professores vindos do Brasil.

No mês de setembro de 2007, por iniciativa da Embaixada do Brasil, foi realizada nas cidades de Yerevan, Gyumri e Vanadzor a “I Semana da Cultura Brasileira na Armênia”, cuja extensa programação incluía palestras, exibição de películas sobre o Brasil, apresentação do conjunto de danças musicais, capoeiristas armênios e jogadores brasileiros de futebol, recitais, etc. Além disso, várias mostras culturais são organizadas frequentemente nos salões da representação brasileira em Yerevan.

Sintetizando, podemos concluir que, não obstante a presença do Brasil na Armênia datar um período relativamente recente, observa-se uma tendência cada vez mais acentuada de expansão da cultura e arte brasileiras nessa região.

Referências bibliográficas

- Cassels, A. (1996), *Ideology and International Relations in Modern World*, Routledge
- Griffiths, M. (2001), *International Relations: The Key Concepts*, Routledge.
- Hovhannisian, R. (1992), *History, Politics, Ethics*, Palgrave Macmilan
- Sarafian, K. (1978), *History of Education in Armenia*, La Verde College, California
- Sotana, Edvaldo, Correa (2005), “O Relato de Jorge Amado sobre a União Soviética e a manutenção da Paz Mundial”, texto apresentado ao XXIII Simpósio Nacional de História: Guerra e Paz.
- Terjimanian, H. (1996), *Who Are the Armenians*, Abril Publishing, California.
- Ternon, Y. (2007), *The Armenians: History of a Genocide*, Caravan Books.